

KEVIN WILSON

Caninos em família

Tradução
Alexandre Hubner



Copyright © 2011 by Kevin Wilson
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
The Family Fang

Capa
Sabine Dowek e Tony Lee

Preparação
Jacob Lebentsayn

Revisão
Carmen T. S. Costa
Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wilson, Kevin
Caninos em família / Kevin Wilson ; tradução Alexandre Hubner — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Título original : The Family Fang
ISBN 978-85-359-2408-4

1. Ficção norte-americana 1. Título.

14-01076 CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Prólogo

Crime e castigo, 1985

Artistas: Caleb e Camille Caninus

Caleb e Camille Caninus diziam que era arte. Seus filhos diziam que era maldade. “Vocês armam a maior confusão e depois vão embora”, recriminava a pequena Annie. “É bem mais complicado que isso, meu bem”, contestou Camille, enquanto distribuía instruções detalhadas sobre a intervenção para cada membro da família. “Mas tem também uma simplicidade no que a gente faz”, disse Caleb. “É verdade, tem isso também”, concordou sua mulher. Annie e seu irmão caçula Buster não disseram nada. Estavam a caminho de Huntsville, a duas horas de viagem de onde moravam, pois não queriam ser reconhecidos. O anonimato era um elemento central em suas performances; permitia-lhes montar as cenas sem serem interrompidos por gente que, vendo-os pela frente, já se preparava para o bafafá.

Pisando fundo no acelerador, ansioso pelo momento de se expressar, Caleb Caninus observava o filho de seis anos pelo retrovisor. “Filho”, disse ele. “Quer recapitular as suas tarefas de hoje? Vamos ver se você entendeu tudo direito?” Buster exa-

minou os esboços a lápis que sua mãe fizera apressadamente num pedaço de papel. “Vou comer uma porção de jujubas e rir alto, bem alto.” Caleb assentiu com a cabeça e sorriu com satisfação. “Isso mesmo”, disse ele. Camille então sugeriu que Buster atirasse algumas jujubas para cima, e a ideia recebeu a aprovação de todos os que estavam na van. “Annie”, prosseguiu Caleb, “você está encarregada de quê?” Annie olhava pela janela, contando os animais mortos que via pela estrada — já eram cinco. “Eu sou a dedo-duro”, disse ela. “Sou eu que aviso o funcionário.” Caleb tornou a sorrir. “E depois?”, indagou. Annie bocejou. “Depois eu chispo de lá.” Quando finalmente chegaram ao shopping center, os Caninus estavam prontos para o que viria a seguir: a estranheza que seria criada por eles por um instante tão breve, que as pessoas chegariam a suspeitar que tivesse sido apenas um sonho.

Entraram no shopping lotado e se dispersaram, cada qual fazendo de conta que os outros não existiam. Caleb sentou-se na praça de alimentação e conferiu o foco da minúscula filmadora que ele ocultara na armação de seus óculos pesados; óculos que, toda vez que ele usava, deixavam-no com uma irritação alérgica em torno dos olhos. Camille pôs-se a caminhar com grande determinação pelo shopping, balançando os braços num vaivém forçado, desmedido, a fim de dar a impressão de que talvez fosse meio doida. Buster recolhia as moedinhos que encontrava no fundo das fontes e em pouco tempo tinha os bolsos úmidos, transbordando de moedas. Annie comprou uma tatuagem temporária num quiosque que vendia badulaques absurdos e inúteis e então foi ao banheiro para decalcar a figura no bíceps: uma caveira com uma rosa entre os dentes. Desenrolou a manga da camiseta para cobrir o desenho e então se sentou no vaso de uma das cabines do banheiro e esperou até que o alarme de seu relógio tocassem. Chegou a hora e os quatro Caninus se encami-

nharam lentamente até a loja de balas e doces, rumo à coisa que aconteceria somente se cada um deles desempenhasse seu papel à risca.

Depois de passar cinco minutos andando à toa pelos corredores da loja, Annie se pôs a puxar a camisa do rapaz do caixa para chamar sua atenção. “Quer comprar alguma coisa, meu anjo?”, indagou ele. “Tem algum doce que você não está conseguindo alcançar? É só dizer que eu pego pra você.” O menino era tão gentil que Annie se sentiu um pouco constrangida pelo que faria em seguida. “Eu não gosto de falar dos outros”, disse ela. O rapaz olhou para Annie com uma expressão embatucada e curvou-se para ouvi-la melhor. “Como assim, querida?”, perguntou ele. “Não quero dedurar ninguém”, disse ela, “mas aquela moça ali está roubando uma porção de balas.” Annie apontou para sua mãe, que se encontrava diante de um recipiente cheio de jujubas, com uma enorme concha prateada na mão. “Aquela moça?”, perguntou o rapaz. Annie fez que sim com a cabeça. “Você foi uma boa menina hoje, meu anjo”, disse ele, recompensando-a com um pirulito, cujo cabo também fazia as vezes de apito, antes de ir falar com o gerente. Encostando-se no balcão, Annie retirou o celofane que recobria o pirulito e atacou o doce a dentadas, sentindo as lascas de açúcar arranhando o interior de sua boca. Quando terminou, escolheu outro pirulito entre os que se achavam espetados no display e o guardou no bolso para mais tarde. Então viu o gerente e o funcionário saindo dos fundos da loja e foi embora sem olhar para trás, certa de que o pampeiro estava armado.

Tendo enchedo seu quinto saquinho de jujubas, Camille Caninus olhou em volta com cuidado, antes de acrescentar a embalagem aberta às que já se achavam escondidas sob seu casaco. Recolocou a concha no lugar e avançou pelo corredor, assobiando, simulando interesse por alguns outros doces antes de se

dirigir à saída. Assim que atravessou o vão da porta, sentiu uma mão em seu braço e ouviu uma voz masculina dizer: “A senhora me desculpe, mas acho que estamos com um probleminha aí”. Ainda que mais tarde isso a aborrecesse, Camille permitiu que um sorriso discretíssimo se esboçasse em seu rosto.

Caleb Caninus viu sua mulher fazer que não com a cabeça e olhar com incredulidade quando o gerente apontou para as protuberâncias ridículas sob as roupas dela — o encobrimento canhestro do contrabando adicionando à coisa toda um despau-tério maravilhoso. Então ela gritou: “Eu sou diabética, homem de Deus; nem comer doce eu posso”. Nesse ponto, diversos fregueses da loja se viraram para ver o que estava acontecendo. Caleb se aproximou o mais que pôde da confusão no exato instante em que sua mulher começava a se esgoelar: “Isto é inconstitucional! Meu pai joga golfe com o governador! Eu só estava...”, e foi então que, com um leve ajuste em sua postura, Camille Caninus fez com que os sacos de balas emborcassem, derramando seu conteúdo.

Buster passou correndo por seu pai e observou as centenas de jujubas que caíam como granizo das roupas de sua mãe, para então sair quicando espalhafatosamente pelo chão da loja. O pequeno Caninus se ajoelhou aos pés de Camille e berrou: “Bala de graça!”, enquanto levava à boca punhados e mais punhados de jujubas, que não paravam de chover a sua volta. Duas outras crianças vieram se instalar a seu lado, como se a mãe de Buster fosse uma *piñata* recém-estourada, e puseram-se a recolher freneticamente a parte que lhes cabia do butim, enquanto Buster disparava risadas ásperas, roufenhas, que o faziam parecer alguém muito mais velho. Nessa altura, cerca de vinte pessoas tinham se aglomerado em torno da cena e sua mãe caíra no choro. “Eu não posso voltar para a cadeia”, gritava ela, e então Buster se levantou e saiu correndo, deixando para trás a lamban-

ça de jujubas espalhadas pelo chão. Não tardou a se dar conta de que se esquecera de jogar um punhado delas para o alto, e a falha, como ele bem sabia, não passaria em branco quando a família se reunisse para falar sobre o sucesso do happening.

Meia hora depois, Annie e Buster se encontraram perto das fontes do shopping e aguardaram enquanto sua mãe se livrava das consequências de seus atos ridículos. Era bem provável que ela permanecesse retida pelos seguranças do shopping até que seu pai conseguisse convencê-los a liberá-la com uma advertência. Caleb lhes mostraria o currículo deles, os recortes do *New York Times* e da *ArtForum*. Diria coisas como *arte performática em público, espontaneidade coreografada, vida real elevada ao quadrado*. Caleb e Camille pagariam pelos doces e quase com certeza seriam proibidos de pôr os pés no shopping de novo. À noite, iriam para casa e durante o jantar ficariam imaginando todas as pessoas que haviam assistido à cena pondo-se a falar a seus amigos e familiares sobre a coisa estranha e bela que acontecera naquela tarde.

“E se eles forem mandados para a cadeia?”, indagou Buster à irmã. Annie pareceu avaliar essa possibilidade e então deu de ombros. “A gente volta pra casa de carona e espera até eles fugirem.” Buster concordou que o plano era bom. “Ou”, propôs ele, “a gente podia ficar morando aqui no shopping e a mamãe e o papai nunca iriam encontrar a gente.” Annie balançou a cabeça. “Eles precisam da gente”, disse ela. “Sem eu e você não dá nada certo.”

Buster tirou dos bolsos as moedas que havia recolhido antes e as empilhou em dois montinhos iguais. Então ele e a irmã se revezaram para atirá-las de volta às fontes, ambos formulando desejos que esperavam que fossem simples o bastante para se tornar realidade.

1.

Assim que Annie chegou ao set, alguém avisou que ela precisaria tirar a blusa.

“Ahn?”, disse Annie.

“Pois é”, prosseguiu a mulher, “nessa cena você está sem nada da cintura pra cima.”

“E você quem é?”, indagou Annie.

“Eu sou a Janey”, disse a fulana.

“Não”, disse Annie, com a sensação de que talvez tivesse entrado no set errado. “O que você faz no filme?”

Janey franziu a testa. “Sou a supervisora de roteiro. A gente já se falou algumas vezes. Lembra que uns dias atrás eu estava contando pra você de quando o meu tio tentou me beijar?”

Annie não tinha a menor lembrança disso. “Quer dizer que você faz a supervisão do roteiro?”, perguntou.

Janey fez que sim com a cabeça, sorrindo.

“A cópia que mandaram pra mim não fala nada de nudez nessa cena.”

“Bom”, disse Janey. “Essas coisas ficam meio que em aberto, eu acho. Não dá pra levar ao pé da letra.”

“Na hora do ensaio ninguém comentou nada”, disse Annie. Janey se limitou a dar de ombros.

“E o Freeman falou que eu vou aparecer com os peitos de fora?”, indagou Annie.

“Falou”, disse Janey. “Foi a primeira coisa que ele disse hoje cedo. Ele veio e falou pra mim: ‘Diga para a Annie que na próxima cena ela tem que estar nua da cintura pra cima’.”

“E cadê ele?”

Janey olhou em torno. “Ele disse que iria procurar alguém que fosse atrás de um tipo muito específico de sanduíche.”

Annie se trancou numa cabine vazia do banheiro e ligou para seu agente. “Estão querendo que eu fique nua”, disse ela. “Isso não pode. De jeito nenhum”, disse Tommy, o agente. “Você está quase entrando para o time das atrizes de primeira linha; não pode fazer um nu frontal de corpo inteiro.” Annie esclareceu que não era um frontal de corpo inteiro. Só iria mostrar os seios. Seguiu-se um momento de silêncio do outro lado da linha. “Ah, bom, aí não é tão ruim”, disse Tommy.

“Não estava no roteiro”, argumentou Annie.

“Tem muita coisa que, mesmo não estando no roteiro, acaba entrando nos filmes”, retrucou Tommy. “Se não me falha a memória, nesse filme mesmo tem uma parte em que um figurante aparece em segundo plano com o pinto pra fora da calça.”

“É”, concordou Annie. “Para azar do filme.”

“Nesse caso, tudo bem”, disse Tommy.

“Então eu vou avisar que não vou fazer.”

O agente tornou a ficar em silêncio. Annie tinha a impressão de ouvir, nos fundos, o som de uma partida de videogame.

“Acho que não seria uma boa ideia. Esse filme pode te render um Oscar de melhor atriz e você resolve criar caso?”

“Você acha que eu tenho chance de ganhar um Oscar com este papel?”, indagou Annie.

“Depende da qualidade dos concorrentes que você pegar no ano que vem”, respondeu Tommy. “Está parecendo que vai ser um ano fraco para os papéis femininos. Então, pode ser que dê. Mas não vá por mim. Eu não imaginava que você seria indicada por aquele papel que fez em *Data de devolução* e veja só no que deu.”

“Certo”, disse Annie.

“Minha intuição diz: tire a blusa e de repente a cena fica só na versão do diretor”, disse o agente.

“Não é isso o que a minha intuição diz”, retrucou Annie.

“Você é quem sabe, mas atrizes difíceis não são bem vistas.”

“Preciso desligar.”

“Além do mais, o seu corpo é um espetáculo”, disse Tommy, no exato instante em que Annie cortou a ligação.

Ela tentou ligar para Lucy Wayne, que a dirigira em *Data de devolução*, filme pelo qual fora indicada ao Oscar de melhor atriz. Fazia o papel de uma bibliotecária tímida, viciada em drogas, que se envolvia com um grupo de *skinheads*, com consequências trágicas. Era um filme que, reduzido a uma sinopse, não parecia muito promissor, mas impulsionara sua carreira. Annie confiava em Lucy, sentira durante as filmagens que estava nas mãos de alguém que sabia o que fazia; se Lucy tivesse lhe dito para tirar a blusa, ela teria obedecido sem titubear.

Claro que Lucy não atendeu o telefone, e Annie pensou que aquele era o tipo de dilema que não ficava bem expor para uma secretária eletrônica. A única pessoa que exercia sobre ela

uma influência responsável e tranquilizadora estava fora de alcance, de modo que Annie teve de se virar com as opções que lhe restavam.

Seus pais acharam a ideia ótima. “Acho que você devia tirar a roupa toda”, disse sua mãe. “Por que só a blusa?” Annie ouviu Caleb gritar ao fundo: “Fale pra eles que você só topa se o sujeito que está contracenando com você tirar as calças”.

“Ele tem razão, viu?”, disse sua mãe. “A nudez feminina não provoca mais controvérsia. Diga pro seu diretor que ele precisa pôr um pênis no filme se quiser provocar o público.”

“Tudo bem, estou começando a achar que vocês não perceberam qual é o problema”, disse Annie.

“Qual é o problema, querida?”, indagou sua mãe.

“Eu não quero tirar a blusa. Não quero tirar as calças. E não quero de jeito nenhum que o Ethan tire as calças. Quero filmar a cena do jeito que nós ensaiamos.”

“Bom, isso eu acho completamente sem graça”, disse sua mãe.

“Coisa que não me espanta nem um pouco”, disse Annie, e tornou a encerrar a ligação pensando que optara por se cercar de pessoas que eram, à falta de expressão melhor, umas retardadas.

Uma voz proveniente da cabine ao lado disse: “No seu lugar, eu pediria um adicional de cem mil dólares para mostrar os peitos”.

“Legal”, disse Annie. “Obrigada pelo conselho.”

Quando Annie ligou para seu irmão Buster, ele lhe sugeriu fugir pela janela do banheiro e dar o fora dali — solução que ele dava para a maior parte de seus problemas. “Vá embora antes

que te convençam a fazer uma coisa que você não está a fim de fazer”, disse ele.

“Quer dizer, não é birutice minha, certo? Você concorda comigo que é esquisito?”, quis saber Annie.

“É esquisito, sim”, garantiu Buster.

“Ninguém fala nada de nudez e aí, de repente, no dia da filmagem querem que eu tire a blusa?”, disse ela.

“É esquisito”, tornou a dizer Buster. “Não é exatamente de espantar, mas é esquisito.”

“Não é de espantar?”

“Lembro de ter ouvido dizer que, no primeiro filme dele, o Freeman Sanders improvisou uma cena em que uma atriz dava para um cachorro, mas ele acabou cortando esse pedaço na versão final.”

“Eu nunca soube disso”, disse Annie.

“Bom, duvido que o Freeman fosse falar de uma coisa des-sas nas conversas que tem com você”, retorquiu Buster.

“Então o que eu faço?”, indagou Annie.

“Dê logo o fora daí”, berrou Buster.

“Eu não posso simplesmente pegar as minhas coisas e ir embora, Buster. Tenho obrigações contratuais. É um filme bom, acho. O papel é bom, pelo menos. Vou só falar pra eles que essa cena eu não faço.”

Uma voz do lado de fora da cabine, a voz de Freeman, disse: “Não vai fazer essa cena?”.

“Quem falou isso?”, perguntou Buster.

“Acho melhor eu desligar”, disse Annie.

Quando Annie abriu a porta, deu de cara com Freeman encostado na pia do banheiro, comendo um sanduíche que parecia três sanduíches empilhados uns sobre os outros. Estava ves-

tido com o uniforme de costume: terno preto com gravata e uma camisa branca amarrada, óculos escuros, e um par de tênis velhos e detonados, sem meias. “Qual é o problema?”, disse ele.

“Faz tempo que você está aqui?”, perguntou Annie.

“Não muito”, disse ele. “A continuista me disse que você estava no banheiro e as pessoas começaram a se perguntar se era só o medo de tirar a blusa ou se você tinha vindo dar uma cheiradinha. Achei melhor ver o que estava acontecendo.”

“Bom, não estou dando uma cheiradinha.”

“Isso me decepciona um pouco”, disse ele.

“Não vou fazer essa cena sem blusa, Freeman”, anunciou ela.

Freeman olhou em volta, à procura de um lugar em que pudesse descansar o sanduíche e, aparentemente se dando conta de que estava num banheiro público, preferiu continuar com ele na mão. “O.k., tudo bem”, disse ele. “Sou só o diretor e roteirista desse filme. De que vale a minha opinião?”

“Não tem o menor cabimento”, disse Annie com a voz esgançada. “Um cara que eu nunca vi aparece sem mais nem menos no meu apartamento e eu fico ali parada, com os peitos de fora?”

“Não tenho tempo agora pra explicar as complexidades dessa cena pra você”, disse Freeman. “Falando grosseiramente, é um lance que tem a ver com controle. A Gina quer controlar a situação. E é assim que ela faz.”

“Eu não vou tirar a blusa, Freeman.”

“Se não quer ser uma atriz de verdade, é melhor continuar fazendo filminhos de super-heróis e bobagens água com açúcar.”

“Vá pro inferno”, disse Annie e, forçando a passagem, deixou-o para trás e saiu do banheiro.

Encontrou Ethan, o ator que coestrelava o filme, repetindo suas falas com enorme afetação, andando em pequenos círculos.

los. “Está sabendo dessa história?”, indagou a ele. Ethan fez que sim com a cabeça. “E?”, disse ela. “Vou lhe dar um conselho”, disse ele. “No seu lugar, eu veria a situação não como uma atriz a quem tivessem pedido pra fazer uma cena sem a blusa, mas como uma atriz que estivesse fazendo o papel de uma atriz a quem tivessem pedido pra fazer uma cena sem a blusa.”

“Legal”, disse ela, refreando o impulso de socar o sujeito até que ele caísse desacordado.

“Assim”, prosseguiu ele, “você acrescenta uma camada a mais de irrealdade, que, a meu ver, torna a sua atuação mais complexa e interessante.”

Antes que ela pudesse dizer alguma coisa, o primeiro-assistente de direção, com o cronograma de filmagem na mão, veio falar com eles. “Como é que estamos indo em relação a essa coisa de você fazer a próxima cena sem a blusa?”, quis saber.

“Não vai rolar.”

“Puxa, que chato”, lamentou ele.

“Estou indo pro meu trailer”, disse ela.

“Produção à espera da estrela”, gritou o AD enquanto Annie saía do set.

O pior filme de que ela havia participado, um de seus primeiros papéis, intitulado *Não deixe os seus sonhos para a hora de morrer*, contava a história de um detetive particular que investigava um assassinato cometido numa exposição agrícola, durante um concurso de comilança em que saía vencedor o participante que devorasse o maior número de sonhos de padaria. Ao ler o roteiro, ela ficara com a impressão de que se tratava de uma comédia, e levou um choque ao descobrir que, com falas como: “Esses sonhos são a minha perdição”, e: “Sonhe comigo, mas não caia da cama”, na realidade era um drama, um *film noir*.

“É como *Assassinato no Expresso Oriente*”, o roteirista explicou a Annie durante os ensaios iniciais, “só que, no lugar do trem, a gente usou sonhos de padaria.”

No primeiro dia de filmagem, um dos atores principais sofreu uma intoxicação alimentar ao gravar a cena do concurso de comilança e acabou abandonando o filme. Um porco da “fazendinha” escapou de seu cercado e destruiu boa parte dos equipamentos de gravação. Quinze tomadas de uma cena particularmente difícil foram rodadas com uma câmera sem filme. Para Annie foi uma experiência estapafúrdia, surreal, foi como ver uma coisa se desfazer em pedaços em suas mãos. Quando estavam na metade do cronograma de filmagens, o diretor disse a Annie que ela teria de usar lentes de contato que mudassem a cor de seus olhos de azul para verde. “Quero pôr uns flashes de verde nesse filme, algo que atraia o olhar do espectador”, explicou ele. “Mas a gente rodou metade do filme”, argumentou Annie. “É isso aí”, retrucou o diretor. “Rodamos só metade do filme.”

Uma das atrizes que contracenava com Annie era Raven Kelly, que tinha feito o papel de *femme fatale* em diversos clássicos do cinema *noir*. No set de filmagem, Raven, uma senhora de setenta anos, parecia não estar nem aí para o roteiro, entretinha-se com palavras cruzadas durante os ensaios e dava um jeito de roubar toda e qualquer cena de que participava. Um dia em que estavam sendo maquiadas lado a lado, Annie perguntou como ela aguentava trabalhar naquele filme. “É um ganha-pão”, disse Raven. “Faço o que me pagam pra fazer, seja lá o que for. A gente dá o melhor de si, mas às vezes não adianta, o filme não é muito bom. Paciência. O que vale é o cachê. Nunca entendi os artistas, e não dou a mínima para técnica, método e essa bobajada toda. Você fica onde eles mandam você ficar, diz as suas falas, e vai para casa. É só faz de conta.” Os maquiadores continuavam a maquiar as duas, a fim de que Annie parecesse mais jovem, e

Raven, mais velha. “Mas você gosta?”, indagou Annie. Raven fitou o reflexo de Annie no espelho. “Não chego a detestar”, disse Raven. “A gente passa um tempo razoável com qualquer coisa. Mais do que isso não dá para pedir.”

De volta a seu trailer, com as persianas fechadas e o som de ruído branco saindo de uma caixa antiestresse, Annie sentou no sofá e fechou os olhos. A cada respiração funda e pausada, ela imaginava que diversas partes de seu corpo iam adormecendo paulatinamente, uma dormência que ia da ponta dos dedos às mãos e depois aos pulsos, aos cotovelos, aos ombros, até ela estar tão perto de morta quanto era capaz de ficar: uma velha técnica a que a família Caninus recorria antes de fazer algo catastrófico. A pessoa fingia estar morta e, ao se reanimar, nada, por mais horrível que fosse, parecia ter importância. Annie se lembrava dos quatro Caninus sentados em silêncio no interior da van, todos morrendo e então voltando à vida naqueles poucos minutos que antecediam o momento em que eles abririam as portas do carro para entrar violentamente na vida de todos os que se achavam por perto.

Passados trinta minutos, Annie retornou a seu corpo e se levantou. Tirou a camiseta e desabotoou o sutiã, deixando que a peça caísse no chão. Postou-se diante do espelho e se pôs a reproduzir suas falas na cena em que Freeman queria que ela aparecesse seminua. “Não sou babá da minha irmã”, disse, contendo o impulso de cruzar os braços para esconder os seios. Ao concluir a última fala de sua personagem — “Acontece, doutor Nesbitt, que eu estou pouco me lixando” —, Annie abriu a porta e, ainda com os peitos de fora, percorreu os cinquenta metros que separavam seu trailer do set, ignorando os assistentes de produção e os eletricistas e os iluminadores e os demais integrantes

da equipe de filmagem que ficaram olhando enquanto ela passava por eles. Encontrou Freeman sentado em sua cadeira de diretor, ainda mastigando o sanduíche, e então disse: “Vamos fazer a porra dessa cena de uma vez”. Freeman sorriu. “Assim é que se fala”, disse ele. “Use essa raiva quando estivermos filmando.”

Enquanto permanecia ali, nua da cintura para cima, sob o olhar fixo dos figurantes, da equipe de filmagem, do ator que contracenava com ela e de absolutamente quase todas as pessoas que estavam envolvidas na produção do filme, Annie dizia a si mesma que aquele lance todo tinha a ver com controle. Ela estava no controle da situação. Tinha tudo, absolutamente tudo, sob controle.